

7 A um inverno como não havia lembrança. Céu continuamente atafegado em grossos panos de nuvens, chuva a cântaros, vento roncador, do que derruba o pinheiro velho e avanta com a telha, numa estreloçada de mil demônios. Por alturas da Carriça, no leito pedregoso e fundo, a ribeira estrondeava, tôda espuma. Depois, nas veigas, como as margens se estendessem rasoiadas e baixas, as águas entravam por ali adentro não deixando palmo de terra ou felpa de erva à amostra. As árvores, meio tronco e franças ao léu, lembravam homens afogando-se, lentamente.

Já na igreja matriz, missa terminada, as preces se haviam erguido. Mas a fúria dos elementos se não redobrava, não amainara tão pouco. A gente antiga vaticinava o fim do Mundo.

Na aldeia, de silenciosas e fechadas, as casas pareciam túmulos. Arruído distinto, afora o ganir do vento, um ou outro choro de criança e o mugir das vacas, nas cortes, só frente à venda. Entretanto, aí, nem arraial no apogeu. Atulhavam-na pegureiros, homens de enxada, lavradores de meia geirada, de poisio desde pela manhã até noite velha, alguns até o raiar da alva—que nos casebres, tirante as horas da paparoca e do dormir, ninguém lhes punha a vista em cima. Ou no campo a moirer ou na venda a tombos com o palhete. «A casa é boa lá para as patroas»—afirmavam todos, a uma voz.

Era a taberna uma casinhola de pedra solta e farrusca, aperreada entre muro a nascer-lhe à espalda e palheiro em ruínas, todo recoberto de heras. Em frente, um nadinha para baixo, crescia uma mimosa, sob a qual, no verão, aos domingos, a mocidade jogava ao tabarico. Dez, doze metros além, começavam os agros, que desciam, Aí todo o pendor morria—e então, por bom espaço, a terra desdobrava-se em linha recta. Por fim, num brusco jeito, a várzea empinava, caía, voltava a subir, a tombar... e assim, por léguas. Com a escaio-la da senhora das Dores, mal distinta já no cêrro longínquo, fechava-se o horizonte.

Antigo estábulo, dir-se-ia que na loja apertada e baixa para sempre floara bolando o cheiro acre de estrumes curtidos, que por forte e penetrante provoca náuseas e fere os nervos.

Aquela transformação de cortelho em venda—venda e mercearia, como é de uso nas aldeias e vilórias—dera-se meses atrás, nos começos do verão. Até essa data existira a meio do povo, mesmo rente à escola, uma outra tasca—a do Relhas. Mas uma noite de lua nova, já tudo dormia, a Zefa do Mercado que morava em frente e pelos vistos se erguera a fazer umas necessidades, ouviu no grande silêncio noturno uns ruídos secos, como se ali perto alguém partis-se galhos, para o lume. Que será, que não será, abeirou-se do postigo e viu logo a taberna em chamas.

Em fralda, bôca aberta de orelha a orelha, cabelos destrançados pelas costas, botou-se a berrar com quantas forças tinha, em cima, da borda do patim.

Acorreram gentes. Mulheres que tapavam os corpos semi-nús em chales grossos de lã, soltando gritos agudos e longos, espavoridas; homens, em camisa, calças ainda por apertar, a praguejarem; crianças em pêlo, pasmadas e curiosas. Falava-se alto, pedia-se água, davam-se ordens. Ninguém, contudo, se entendia. O Bértolo aparecera com uma escada. O Messias, o sacristão, um rapaz vermelhusco e baixo, tocava o sino. Seguro por quatro latagões, o Relhas debatia-se. A' fina força queria entrar dentro pelo dinheiro, que tinha em pequeno baú de fôlha, na gaveta. E mordida, insultava, furioso.—O meu dinheiro... Quero o meu dinheiro! Cãis, cãis!

Já, porém, a trave-mestra, comida no cerne, rangia. Depois um minuto, dois minutos, o telhado oscilou e logo veio abaixo, com fragôr. No céu esbraseado subiu um montão de faúlhas, e as quatro paredes surgiram a abrir para o ar a sua bocarra fumegante. Então o Relhas, lívido, abraçara-se ao Teles, o cunhado, e mais fraco que um menino pôs-se a chorar alto, todo sacudido pelos soluços.

Foi depois disto que o Soares, um esgrouviado e fura-vidas, capaz de vender a madre por pecúnia, se lembrou de abrir ali, nas abas do lugarejo, aquela chafarica reles, nem melhor nem pior que a outra, a antiga. Mas ainda as pipas quedavam vazias e o balcão de pinho ia em menos de meio, começara a rosnar-se que ele pregara o fôgo à loja do Relhas. Em verdade ninguém o poderia afirmar, todavia rosnava-se. Entretanto, como além de ser má rês todos em maior ou menor escala viriam a precisar dêle para fiar um pão ou

N A N O V E L A

uma quarta de açúcar, fugiam de lhe botar à cara a patifaria. E, desta sorte, a freguesia não lhe escasseava.

Naquela semana a chuva caíra mais violenta que nunca. Na segunda-feira por volta do meio dia, houve uma entreaberta promettedora. As nuvens começaram de correr, aqui e além rasgaram-se chegando mesmo a lobrigar-se nesgas de azul—um azul desmaiado e triste, muito frio. Logo, porém, batidas dum vento áspero, cordas de água, cerrada e ininterruptas, voltaram a tombar do céu negro, a rasoiar os montes. Nas veigas o riacho subia—e na venda, êsse sábado, o Flora afirmava, todo convicto:

—Nem o Teijo, em Lisboa!

De paródia, o Heitor escarneceu:

—Homem!já se cá sabia que estiveste em Lisboa.

O outro encarou-o de má sombra. E disse:

—Vai áquela parte...

Era sobre a manhã. A casa do Soares, não obstante, abarrotava. O primeiro a entrar a porta fôra o Jesus, o Marcelo Jesus. Soube-se mais tarde, quando a iris castanha lhe luzia muito quieta e húmida, como sempre que os vapores do alcool lhe trepavam ao tuitiço, que se havia pôsto a pé a peguilhar com a mulher, dando em resultado, ao almôço, ter partido duas malgas e...

—...e—acrescentava—estava cheio. Estava até aqui—pôs a mão nas guelias. Avisei-a—Cala-te, Esp'rança, olha que a mostarda está aqui está a chegar-me ao nariz. Depois não te queixes!—Pois ela, não senhores, porque torna, porque deixa—és um desgraçado, só na jogatina estás bem, hás-de botar a casa a perder—não tive mão em mim... e zás, zurrei até me fartar.

Assim é que se ensinam, Marcelo, assim é que se ensinam, o Filisberto ofereceu-lhe um copo.

—Bebe, sou eu que pago.

Tôda encolhida nos seus farrapos molhados, pés descalços metidos nas chanquinhas ferradas, Mariana—oito, nove aros—entrou nessa altura. Encostada ao balcão, onde mal chegava, pediu:

—Senhor Soares, um pão de centeio, do de dois milreis.

Lá do fundo, duma mesa, Celestino, o pai, chamou-a:

—Psiu!, Mariana toma uma pinga.

Ela escusou-se. Não tinha sede, não queria.

—Ná, com êste taró o que a consolava era um copinho de água-ardente—lembrou o Roberto da Chica, conselheiro.

—Pois deite lá a água-ardente, ó Soares—mandou o Celestino.

A garota bebeu, aos goles, um pouco envergonhada. No fim, atacada de tosse, arrimou-se às pernas do pai, vermelha como uma malaguêta.

—Não está habituada, vê-se logo—disse do lado, o Góis.

Estava, sim, então não havia de estar? Era o mata-bicho de todos, em casa. Que julgava êle?—E, dando o informe, o pai da petiza elevava a voz, um tanto ancho.

Uma rabanada de vento fêz bater a porta.

—Eh!, pai da vida!—grunhiu o Jesus.

—Que excomungado, irra!—berrou um franzino e olheirento, o Pompeu, chegando-se para um canto.

A chuva, sobre o telhado, caía em bâtegas compactas e surdas. Fôra, na rua, alguém passou a correr.

A' hora da janta, um agora, a seguir outro, foram desarvolvando. A Engrácia, dava o relógio da Torre a meia, apareceu, cesta numa das mãos, guarda-chuva na outra, com o comer para o Soares.

—Virgem Mãi, o dilúvio que aí vai!—espantou-se.

—Deixa—contrapôs o taberneiro, esfregando os dedos,— só faz bem.

Na soleira, pescoço estendido, o Noé Pio resmungava:

—Hum! Hum!

Depois, numa decisão súbita, voltou para dentro;

—Não é o filho do meu pai que sai por um tempo dêstes. Tãvra! E mais alto: